



4294 - Trabalho Completo - XXIV Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste - Reunião Científica Regional da ANPEd (2018)
GT15 - Educação Especial

O APRENDIZADO DE UMA SEGUNDA LÍNGUA PARA CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA (TEA) NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Priscila Figueiredo Brito de Azevedo - UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
Francisca Maria Gomes Cabral Soares - UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte
Jordana Lorena Nogueira de Sousa - UERN - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte

Os estudos concernentes a inclusão e desenvolvimento de crianças autistas têm ganhado espaço em nossa sociedade. Assim, a inclusão dessas crianças no contexto educacional é um processo de extrema importância, pois estas poderão desenvolver a aprendizagem de uma outra língua. Desse modo, o objetivo desse estudo é compreender o processo de ensino e aprendizagem de uma segunda língua para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), a partir das práticas docentes na educação infantil. Para isso, inicialmente busca-se investigar a produção dos efeitos cognitivos e sociais do bilinguismo em criança com TEA e como o letramento bilíngue pode contribuir para o desenvolvimento cognitivo e social do aluno com TEA. Trata-se de uma pesquisa de mestrado, em andamento. O que se pode adiantar, é que a discussão pretende dar ênfase para as práticas docentes no ensino bilíngue de crianças com TEA na educação infantil.

Palavras-chave: Bilinguismo; Educação Inclusiva; Transtorno do Espectro Autista.

Introdução

Devido à globalização, tornou-se uma prática constante, por grande parte da população mundial, o uso de mais de uma língua estrangeira, não só em âmbito profissional e acadêmico, mas também pessoal. Em 1998, já era possível afirmar que mais de dois terços da população mundial era bilíngue (BAKER; JONES, 1998 *Apud* RODRIGUES, 2016). Ao fazer uma leitura sobre a teoria inglesa de Peal e Lambert (1962), pode-se compreender que o bilinguismo passou a ser objeto de estudo das ciências cognitivas, entre elas a neurolinguística e a psicolinguística. Além disso, é pontuado por esses autores que são capazes de apreender cognitivamente outra língua tanto crianças quanto adultos em todas as faixas etárias.

Os estudos na área das neurociências têm fornecido evidências importantes sobre a organização do cérebro e as bases neurais da aprendizagem humana (COSENZA e GUERRA, 2011, p. 4). A aprendizagem ativa, cuja a informação é instantânea, relevante e útil, é aquela na qual o conhecimento é compartilhado entre o professor e aluno, são esses os modelos mais compatíveis para o cérebro. O Conhecimento sobre o cérebro humano é muito importante para a prática pedagógica, pois o que acontece com as funções cerebrais é primordial e decisivo para a construção do conhecimento.

Para falar de ensino e aprendizagem, é importante citar Vygotsky (1998), que discorre sobre a aprendizagem como meio da interação entre o sujeito e a sociedade que o cerca, um modificando o outro. O referido autor afirma ainda que desenvolvimento e aprendizagem são processos independentes. No ensino de línguas, ao ser considerada a importância da mediação, é pertinente sinalizar o que Vygotsky (1998) aponta ser o objetivo da educação, destacando o processo do aprendizado não o produto final da aprendizagem. Essa orientação teórica a de Vygotsky pode ser considerada para qualquer idioma adicional que uma criança possa aprender. Ainda falando de línguas, em geral, Rajagopalan (2003) diz que o real objetivo do ensino de outras línguas é formar indivíduos capazes de interagir com pessoas de outras culturas.

No que se refere ao autismo, o transtorno foi identificado nos anos 40 do século passado pelos médicos Leo Kanner e Hans Asperger. A partir de seus estudos, outras pesquisas surgiram na busca de compreender esse transtorno (TOLIPAN, 2000). No Brasil, por diferentes motivos, as iniciativas governamentais propriamente direcionadas ao acolhimento das pessoas com diagnósticos de autismo desenvolveram-se de maneira tardia. A mobilização dos familiares de crianças com autismo levou ao ineditismo da aprovação de uma lei federal específica para o autismo.

Em 27 de dezembro de 2012, foi sancionada a Lei nº 12.764, que "Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista" (BRASIL, 2012). Além de reconhecer a pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA) como "pessoa com deficiência, para todos os efeitos legais" (Lei nº 12.764), produz incidências em diversos campos, como na esfera assistencial, político/gestora, científico/acadêmica, educacional/pedagógica, bem como no campo dos direitos básicos (OLIVEIRA, 2015).

Desenvolvimento

Segundo Kirst (2015, p. 6), "o autismo é um transtorno no desenvolvimento que dura por toda a vida. Ele faz parte do espectro do autismo". O autor explica que "a palavra 'espectro' é usada porque, embora todas as pessoas com autismo tenham três principais áreas de dificuldade em comum, sua condição vai impactá-las de maneiras muito diferentes".

A maioria das pessoas (e, de fato, dos médicos), se questionada sobre o autismo, faz uma imagem de uma criança profundamente incapacitada, com movimentos estereotipados, talvez batendo com a cabeça, com uma linguagem rudimentar, quase inacessível: uma criatura a quem o futuro não reserva muita coisa. (SACKS, 1995, p. 255).

As principais áreas de dificuldades comuns em autistas, chamadas de “tríade de dificuldades” (KIRST, 2015, p. 7), de acordo com Kirst (2015), são:

1. Dificuldade na comunicação social: para as pessoas com transtorno do espectro autismo, a linguagem corporal pode parecer tão estranha quanto ouvir uma língua estrangeira desconhecida. As pessoas com autismo têm dificuldades com a linguagem verbal e não verbal. Muitas compreendem a linguagem de forma muito literal e acham que as pessoas sempre querem expressar exatamente aquilo que dizem. Algumas pessoas com autismo talvez não falem ou tenham uma fala bastante limitada. Geralmente entendem o que as outras pessoas lhes dizem, mas elas próprias utilizam meios alternativos de comunicação, como linguagem de sinais ou símbolos visuais.
2. Dificuldade na interação social: as pessoas com autismo, muitas vezes, têm dificuldade em reconhecer ou compreender as emoções e sentimentos das outras pessoas, bem como expressar os seus próprios sentimentos e emoções, o que pode dificultar a sua inserção na vida social.
3. Dificuldade com a imaginação social: a imaginação social nos permite compreender e prever o comportamento das outras pessoas, entender ideias abstratas e imaginar situações que estejam fora de nossa rotina diária imediata. Dificuldade com a imaginação social significa que as pessoas autistas têm limitações em: compreender e interpretar pensamentos, sentimentos e ações de outras pessoas; prever o que vai acontecer a seguir ou o que poderia acontecer a seguir; compreender o conceito de perigo (...); participar de jogos e atividades imaginativas (...); preparar-se para mudanças e fazer planos para o futuro; lidar com situações novas ou desconhecidas. A dificuldade com a imaginação social não deve ser confundida com falta de imaginação. Muitas pessoas com autismo são bastante criativas e podem se tornar excelentes artistas, músicos ou escritores, por exemplo. (KIRST, 2015, p. 7).

Conhecendo essas áreas, se torna possível, percebermos mais claramente, algumas reações de crianças autistas em sala de aula, em determinados momentos. Diante disso, é preciso que o professor se prepare, adequando as suas práticas pedagógicas para serem desenvolvidas com um aluno autista. Dessa forma, será possível planejar o melhor tipo de atividade, que resulte na interação desse aluno, fazendo-o se sentir incluído nesse contexto.

Neste texto apresenta-se uma breve revisão de literatura, dada a natureza deste trabalho, e uma análise de documentos que orientam o acolhimento às pessoas com autismo. O percurso da investigação prevê em sua continuidade uma análise a partir da observação das práticas pedagógicas no ensino bilíngue de 9 (nove) crianças com autismo na educação infantil da rede privada de ensino, no segmento da Educação Infantil (Nível I, III, IV, V). O levantamento das informações dar-se-á por meio de um órgão interno da escola. O registro de matriculados na instituição apresenta a informação de nove alunos diagnosticados, mediante laudo, com Transtorno do Espectro Autista (TEA) nesse segmento da Educação Infantil, Nível I (1 aluno), Nível III (3 alunos), Nível IV (3 alunos), Nível V (2 alunos).

Por ser, neste texto, a apresentação parcial deste estudo ressaltamos que serão seguidos passos sistematizados do pensamento científico por meio de princípios lógicos. Isso nos fez recorrer, primeiramente, às leituras que subsidiaram a apreensão do objeto em estudo. As etapas desta pesquisa estão organizadas na seguinte ordem:

1. Levantamento bibliográfico, buscando aporte teórico acerca das práticas do ensino da segunda língua em crianças com TEA, pontuando assim ações pedagógicas já documentadas na literatura;
2. Pedido de autorização à instituição escolar, além do termo de consentimento livre e esclarecimento (TCLE) dos docentes a serem observados;
3. Levantamento dos laudos das crianças com TEA a fim de observar o nível de autismo e a particularidade de cada discente;
4. Consulta ao planejamento pedagógico dos professores;
5. Desenvolvimento de formulário descritivo de observação em sala de aula;
6. Utilização de protocolo de avaliação de habilidades comunicativas em ambiente escolar desenvolvido por (MANZINI e DELIBERATO, 2015);
7. Utilização de vídeo/gravação e registro em diário de

Por fim, vale ressaltar que a instituição utiliza como material didático um Programa de Educação Bilíngue com 5 horas aulas semanais que interagem com a matriz curricular, seguindo a abordagem metodológica Content and Language Integrated Learning (CLIL), que promove a integração de conteúdos de outras áreas de conhecimentos e utiliza um segundo idioma com meio de instrução sendo feito pelo uso da Comunicação, Conteúdo, Cognição e Cultura.

A Instituição, que é também credenciada pela UNESCO, conta ainda com os Pilares da Educação da Unesco (Aprender a Aprender, Aprender a Conviver, Aprender a Fazer, Aprender a Ser), os quais norteiam o currículo ajudando a definir metas, metodologias, conteúdos e estratégias de aprendizagem e avaliação. O Programa ainda possui Project-Based Learning (PBL) aprendizado baseado em Projetos e o STEAM que utiliza materiais com noções de Ciência (Science), Tecnologia (Technology), Engenharia (Engineering), Artes (Arts) e Matemática (Math) promovendo a investigação estudantil e o pensamento crítico.

Conforme assinalou Soares (2016), em sua tese de doutorado, há uma escassez bibliográfica sobre os estudos relacionados à inclusão de pessoas com autismo, essa pesquisadora fornece elementos teórico-metodológico significativos, os quais nortearão esta pesquisa. Além do mais retomar-se-á alguns autores que foram apresentados nessa tese como: WALTER e NUNES, 2013. Desse modo, esse arcabouço teórico auxiliará na compreensão das práticas docentes que promovem a inserção de uma segunda língua em crianças com TEA na Educação Infantil.

Conclusão

“Não é aceitável, um modelo educacional em que alunos do século XXI são ‘ensinados’ por professores do século XX, com práticas do século XIX”. Essa famosa citação do professor e pedagogo José Pacheco da revolucionária Escola da Ponte, de certa forma, causa incômodo e foi por meio desta inquietação que nasceu o desejo de entender como podem os educadores contribuir para um modelo de ensino centrado no aluno, principalmente, quando o discente apresenta desafios não convencionais.

Sabemos que há diferentes níveis de autismo e que cada nível tem algumas características específicas, e por isso o professor precisa estar em constante atualização e estudo para poder adequar suas aulas da melhor forma possível. Não é tarefa fácil, até porque, para ter um resultado eficaz, é preciso que a escola e a família estejam unidas, buscando o melhor para as crianças.

Ante o exposto, acredita-se, então, que a presente pesquisa possibilitará compreender o processo de ensino e aprendizagem de uma segunda língua para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), a partir das práticas docentes na educação infantil. Ademais, um estudo com esse caráter pode investigar a produção dos efeitos cognitivos e sociais do bilinguismo na criança com TEA e como o letramento bilíngue pode contribuir para o desenvolvimento cognitivo e social da criança com TEA. Por fim, este trabalho contribuirá na bibliografia de estudos sobre práticas docentes com ênfase no ensino bilíngue de crianças com TEA na educação infantil.

Referências

- RODRIGUES, L. R. **Percurso Histórico dos estudos sobre bilinguismo**: de causador de 'confusão mental' a promotor de reserva cognitiva. Anápolis, V. 8, 2016. n.1, p. 99- 116.
- PEAL, E.; LAMBERT, W. **The relation of bilingualism to intelligence**. Psychol Monor, V. 76 (Whole no. 546), p. 1-23, 1962.
- CONSENZA, R. M. GUERRA, L. B. **Neurociência e educação**: como o cérebro aprende. – Porto Alegre: Artmed, 2011.
- KIRST, Nelson. (Org.) **O que é autismo e como reconhecê-lo**. São Leopoldo: Oikos, 2015.
- VYGOTSKY, L. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1998
- RAGAGOPALAN, K. **Por uma linguística crítica**: linguagem identidade e questão ética. São Paulo: Parábola, 2003.
- TOLIPAN, S. **Autismo**: orientação para os pais/ Casa do Autista. Brasília: Ministério da Saúde, 2000.
- OLIVEIRA, B. D. C. **Análise das políticas públicas brasileira para o autismo**: entre a atenção psicossocial e a reabilitação. 143 p. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) – Instituto de Medicina Social, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.
- SACKS, O. **Um antropólogo em marte**: sete histórias paradoxais. São Paulo: Editora Schwarcz, 1995.
- SOARES, F. M. G. C. **Efeitos de um Programa Colaborativo nas Práticas Pedagógicas de Professoras de Alunos com Autismo** Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Tese (Doutorado em Educação), 2016.
- WALTER, C. C. F. NUNES, L. R. O. P. **O PECS-adaptado utilizado por alunos com autismo no Sistema regular de ensino**. In: NUNES, L. R. O. P. WALTER, C. C. F. (Org.). Ensaio sobre o autismo e deficiência múltipla. 1ª Ed. Marília: abpee, 2013.